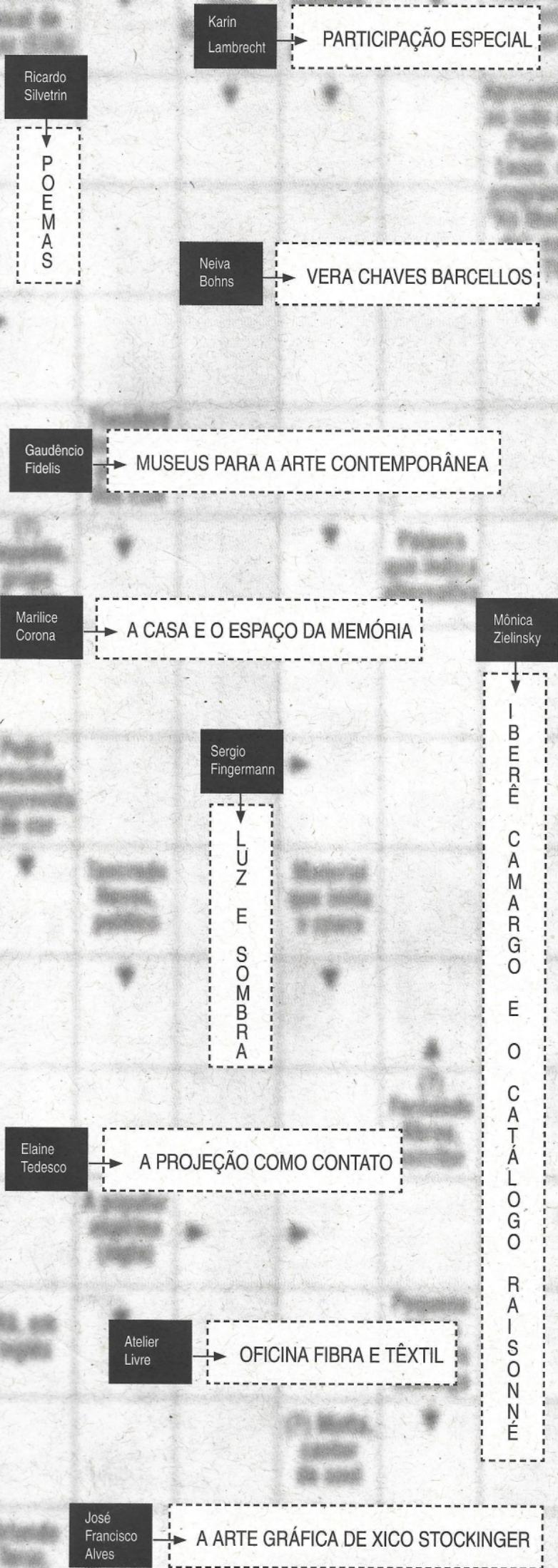


# AS PARTES



Revista do  
Atelier Livre  
da Prefeitura  
de Porto Alegre

nº 2  
Primeiro  
Semestre/2007

## Continue sorrindo ou como a arte nos ajuda a sobreviver

Neiva Bohns

A obra *Keep smiling*, uma das propostas mais interessantes feitas em Porto Alegre no final da década de 1970, foi concebida e realizada por Vera Chaves Barcellos (Porto Alegre, 1938). Apresentada originalmente na publicação *Nervo Óptico*, esta sequência fotográfica que tem uma natureza mutável, podendo sempre se reconfigurar de maneira diferente, testemunha o interesse por soluções alternativas para a produção e circulação das obras artísticas de cunho conceitual geradas no Brasil.

Evidentemente, esse fenômeno da politização da arte conceitual não foi uma prerrogativa dos artistas brasileiros. Por toda América Latina desenvolveram-se manifestações – algumas performáticas – de forte acento crítico. Entretanto, no Brasil, algumas das obras mais significativas do período tornaram-se emblemas de um pensamento artístico de grande perspicácia, que, simultaneamente, conseguia minar as bases de um “sistema artístico” convencional, já capenga, e colocar o dedo em feridas recentemente abertas pela triste história de repressão que os poderes políticos de então estavam gravando na memória do povo brasileiro. Basta lembrar o caso da obra *Quem matou Herzog?*, de Cildo Meireles, realizada em 1970, logo depois do inexplicável “suicídio” de um dos mais importantes e combatentes jornalistas da época.

No campo das artes visuais, não foram poucas nem raras as manifestações que portavam mensagens extra-artísticas, fossem elas radicalmente tropicalistas ou levemente temperadas. Em várias partes do país, artistas se organizaram em grupos, como forma de resistência coletiva às ações de uma censura institucionalizada, que, pela insistência e pela repetição, tendia a recair no mais nefasto dos processos de “normalidade” para a população. O que ainda não se sabe perfeitamente bem, é como artistas fixados em regiões periféricas do Brasil, limitados pelos poucos recursos e pela escassez de informações sobre arte de vanguarda (que àquela altura, já era chamada de contemporânea) responderam aos desafios dos novos e difíceis tempos.

Novas pesquisas e exposições retrospectivas começam a esclarecer alguns destes aspectos ainda nebulosos da nossa história mais recente. Sabe-se que, pelo menos um grupo de estudantes dissidentes do tradicional Instituto de Belas Artes, em atuação na capital do Rio Grande do Sul entre os anos 1960 e 1970, buscou novas formas de expressão que negavam os procedimentos mais tradicionais (arte naturalista, representacional etc). Jovens dotados de maior ou menor grau de rebeldia, politização e envolvimento com ideologias de esquerda, como Carlos Asp, Clóvis Dariano, Telmo Lanes, Carlos Pasquetti, Mara Álvares e Vera Chaves Barcellos, que já tinham intimidade com a arte moderna, queriam ingressar no terreno pouco conhecido da contemporaneidade. Para isto não procuraram os antigos professores, nem os velhos manuais de arte. Guiando-se quase que exclusivamente pela curiosidade, chegaram a novas referências. Tudo que fosse novo lhes interessava: artistas internacionais, críticos de arte que propunham experiências inovadoras, exposições fora dos ambientes tradicionais, publicações feitas por artistas etc.

Rapidamente incorporaram novos procedimentos aos que já conheciam, dedicando-se a experiências ampliadas com desenho, pintura, colagens, com diferentes suportes e materiais. Também trabalharam com gravura, fotografia, e novas formas de reprodução técnica de imagens, e, em alguns casos específicos, com dança e com música. No mesmo ritmo em que aconteciam as descobertas plástico-formais mais inspiradoras, os conteúdos (das obras que comportavam discussões ideológicas ou políticas), foram se tornando mais críticos. O fino recurso da ironia passou a ser uma importante ferramenta para alguns desses artistas.

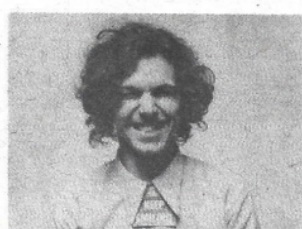
A série fotográfica *Keep smiling*, uma das propostas artísticas mais interessantes feitas em Porto Alegre no final da década de 1970, foi concebida e realizada por Vera

# NERVO ÓPTICO

Publicação aberta a divulgação de novas poéticas visuais.

Nº 7  
OUT  
77

Garibaldi, 782 - Fone: 24-6017 - Porto Alegre - RS - BRASIL



Vera C. Barcellos

a respeito do sorriso

**Vera Chaves Barcellos**

*Keep Smiling*, 1977 - 15 fotografias (12 x 9 cm)

Acima: a obra tal qual foi reproduzida em *Nervo Óptico*, nº 7, outubro de 1977, Porto Alegre.  
(acervo: José Francisco Alves)



**Vera Chaves Barcellos, Flávio Pons e Cláudio Goulart**

*On Ice* (detalhe), 1978 (105 x 101 cm).

Série de 14 fotografias realizadas por Vera Chaves Barcellos que documenta uma performance sobre um lago congelado, em Amsterdam, realizada conjuntamente com Flávio Pons e Cláudio Goulart, em 1978. A série completa das fotografias foi reproduzida em *Nervo Óptico*, nº 11, maio de 1978, Porto Alegre.

Chaves Barcellos (Porto Alegre, 1938). O modo de veiculação desta série fotográfica testemunha o interesse por soluções alternativas para a produção e circulação das obras de arte. O trabalho foi apresentado na publicação de autoria coletiva *Nervo Óptico*, em 1977.

Constitui-se a obra numa série de imagens de rostos de diferentes pessoas, vistos frontalmente, à maneira das fotos dos documentos oficiais, que servem não só como instrumento de identificação, como também de controle social. A função primeira da fotografia tida como científica, de registro e prova, inegavelmente, era colocada em questão. Muitos dos indivíduos apresentados são os próprios amigos e companheiros de trabalho: artistas, colegas, pessoas ligadas ao mundo das artes. Alguns aparecem caracterizados como diferentes personagens. A atmosfera geral do conjunto é de grande leveza e despojamento. No entanto, o elemento comum em todas as fotos é o sorriso "construído". Vemos sorrisos aparentemente espontâneos, verdadeiros, largos, cômicos, ridículos, patéticos, falsos, forçados, tímidos, tristes.

O que a seqüência de fotos registra são instantes em que diferentes falsidades (e aqui falsidades legitimamente ideológicas) se estabelecem. No artifício quase juvenil dos sorrisos feitos para enganar, a verdade dura se disfarça de mentira graciosa. Quer passar incólume pelos olhares vigilantes dos pais, dos professores e dos governantes autoritários. Como uma vingança contra o próprio artifício da ironia, pelos recursos fotográficos, todos os personagens que um dia fingiram sorrir, continuarão sorrindo *ad eternum*. Suas atitudes estão cristalizadas; indefinidamente congeladas pelo ato fotográfico. Mas o que se fixa ali, além das expressões faciais, é também um manifesto contra a repressão das emoções. *Keep smiling* é um libelo pelo direito de sentir plenamente a dor ou sofrimento causado pelos reveses da vida, pelas perdas, pela destruição dos sonhos.

Apesar da singeleza com que se apresenta, *Keep smiling* revela um traço marcante da personalidade da artista que o concebeu: a lucidez diante dos desafios e das situações difíceis. Curiosamente, passados quase trinta anos de sua criação, esta série fotográfica mantém sua força comunicativa, de mensagem dupla, com sinais contrários que se equilibram internamente. E, como obra de arte nascida de uma mente inquieta, persiste em advertir que, apesar dos novos tempos democráticos, e dos ventos a menos (não confundir com ventos amenos) que sopram na área da cultura, só nos resta estarmos par o mais belo dos sorrisos. Ainda que falso.

Para saber mais sobre o assunto:

Leia o livro organizado por Ana Maria Albani de Carvalho, *Espaço N.O.- Nervo Óptico* (Coleção Fala do Artista, Rio de Janeiro, Funarte, 2004).

Visite a exposição *O Grão da Imagem: uma viagem pela poética de Vera Chaves Barcellos*, no Santander Cultural, Porto Alegre, 5 de maio a 29 de julho de 2007.

Neiva  
Bohns

Historiadora e Crítica de Arte, professora do Departamento de Artes e Comunicação do Instituto de Artes e Design da UFPel. Conselheira da Fundação de Arte Contemporânea Vera Chaves Barcellos.